

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMAN, de Berlim

A morte dos clubes

A cena noturna de Berlim é mundialmente famosa. Além do público local e dos visitantes de outras cidades, tem quem pegue um avião só para se aventurar na noite de Berlim. São inúmeros os voos baratos que chegam lotados todos os dias à capital, pois há opções para sair de segunda a segunda. Mas é sobretudo nos fins de semana e feriados que esse povo da noite forma filas nas portas dos clubes e invade as ruas de Berlim. Até ganharam o apelido de "Easy-Jet-Setters", por voarem pela companhia aérea Easy Jet, conhecida pelos seus preços populares.

O clube mais famoso da cidade é o Berghain, um templo do techno que consegue permanecer no topo da lista dos melhores do mundo há alguns anos. Abriu em 2004 e, pelo visto, não é mira de investidores imobiliários. Possivelmente, existirá por muitas décadas. O prédio do Berghain é uma construção minimalista em aço e concreto, pé-direito de 18 metros, uma área enorme de três ambientes, duas pistas e um *darkroom*. Uma potência que na antiga Berlim Oriental funcionava como usina de energia. Barulho ali não é problema, pois o local é bem afastado de prédios residenciais. Neste ano, inclusive, ele inaugura uma nova sala de shows.

Ainda há partes da cidade onde a festa rola dia e noite. A área junto ao Rio Spree entre Kreuzberg e Friedrichshain concentra muitos clubes, mas, fora desse reduto, barulho pode ser caso de polícia. Clubes legendários do meu bairro, Prenzlauer Berg, enfrentam problemas e acabam fechando por diversas razões: atritos com a vizinhança, aumento do aluguel ou aviso de despejo para demolição.

De 2002 a 2012, pelo menos 19 clubes espalhados por diversas áreas da cidade fecharam. Alguns conseguiram reabrir em novos endereços. O Tessor, clube de música eletrônica que funcionou por muitos anos no cofre de um banco, em Mitte, renasceu nas instalações de uma usina de força de dimensões colossais. O clube de rock Magnet teve de mudar de bairro. E outros trocaram também de nome além de endereço, mas mantiveram o conceito, como o Icon e o Bar 25, hoje Gretchen e Kater Holzig. Já o chique Cookies precisou de alguns anos para encontrar novo local para reabrir. Hoje funciona em Mitte, perto do antigo endereço. Também o Tape Club fechou após cinco anos, com a sua última festa em 3 de fevereiro. Ainda não se sabe quando e onde reabre. Mas se muitos fecham, por sorte, outros também abrem. O Flamingo, em Mitte, foi inaugurado há poucos meses e já faz o maior sucesso.

Entre techno, dubstep, rock'n'roll e o eclético, clubes de Prenzlauer Berg como o Knaack, o Icon, o Magnet e o KDR (Klub der Republik) viram as suas portas fecharem nos últimos três anos. O Magnet mudou-se para Kreuzberg. O Icon fechou no fim do ano, mas os donos já haviam inaugurado, também em Kreuzberg, seu sucessor, o Gretchen. O Knaack, que por pouco não completou 60 anos, e foi o reduto rock de diversas gerações na Berlim Leste. Fechou em 2010 e não reabriu. O caso mais recente foi o Klub der Republik, um bar-lounge na rua paralela à minha, cujo ambiente era

uma viagem aos anos 1960 na Berlim Oriental. Estive lá inúmeras vezes com amigos para ouvir música e tomar drinks. Foi um choque passar e ver uma faixa na janela, anunciando os seus últimos dias. O KDR começará a ser demolido em breve.

Numa cidade que vive em boa parte da fama de sua vida noturna intensa, o vaivém de clubes e DJs é assunto de interesse geral. Acompanho essa movimentação na imprensa. Jornais e revistas de Berlim se posicionam e noticiam protestos contra o fechamento de determinados clubes. São mudanças causadas pelo urbanismo que mexem com corações e mentes.

O fim do Klub der Republik é lamentável. Seus 10 anos de vida deixaram marcas. Antes de virar clube, o local serviu durante quase 30 anos como centro cultural e salão de baile dos funcionários de uma fábrica de carpete e linóleo construída nos anos 1960. O nome do local, Clube da República, veio de um projeto artístico que, na época em que o bar surgiu, oferecia para uso em espaços abertos ao público móveis e objetos de decoração do Palast der Republik. Esse centro cultural e

administrativo da RDA, que em 2002 estava sendo desmontado e hoje em dia já não existe mais, é um lugar querido na memória dos habitantes do leste. Imaginar luminárias do Palácio penduradas e sofás que vieram do Café Moskau, outro palco de eventos importantes na RDA... tudo isso faz refletir. Não se trata apenas de objetos de de-

Numa cidade que vive em boa parte da fama de sua vida noturna intensa, o vaivém de clubes e DJs é assunto de interesse geral

coração de um clube, mas de peças que contam uma história através dos tempos. Quantas pessoas não sentaram nesses sofás desgastados, dançaram e se divertiram sob a luz dessas luminárias, hoje peças *cult*? O KDR fechou as portas no dia 30 de janeiro. Nos 10 dias finais, abriu as 24 horas de cada dia e contou com a presença de seu público fiel até o último minuto. A demolição do prédio está prevista para começar a qualquer momento. Porém, quem quiser matar saudades do KDR poderá ver a instalação de mesmo nome da dupla Nina Fischer e Maroan el Sani criada em 2002 em homenagem ao clube, junto à foto de Thomas Florschuetz do Palast der Republik em demolição, em 2006, na exposição "Architektonika" no museu Hamburger Bahnhof de Berlim, em cartaz até janeiro de 2013.

É triste ver mais um local bacana ir para o espaço. Prenzlauer Berg ficou órfão de clubes. Resta saber se após curar a ressaca dos dez dias e noites de despedida, os donos do KDR já estão em busca de um novo local para os sofás e luminárias do povo.